

Articulação de orações: uma perspectiva variacionista

Maria da Conceição de Paiva

Resumo

Neste artigo, fazemos uma reflexão sobre a aplicação do instrumental teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa a fenômenos ligados à articulação de cláusulas. Em primeiro lugar, mostramos a forma como a abordagem variacionista tem sido utilizada para a descrição de aspectos como mobilidade de orações hipotáticas, vinculação entre orações, relação entre orações expandidas e reduzidas que codificam uma mesma relação semântica. A seguir, ressaltamos, a partir de uma ilustração com trabalhos já realizados, as contribuições que podem advir da aplicação do instrumental variacionista para a apreensão de diferenças entre formas de articulação de cláusulas e para a verificação de motivações conflitantes sobre um mesmo fenômeno. Salientamos também os limites de aplicação do modelo ao tratamento dos processos de articulação de orações.

Palavras-chave: articulação de orações; sociolinguística quantitativa; contribuições.

1 Introdução

A forma como as orações se articulam para formar períodos compostos, os parâmetros que permitem distinguir e classificar diferentes processos de articulação têm sido examinados sob diferentes enfoques que variam não apenas nos pressupostos teóricos que os norteiam como também no recorte do objeto de estudo. Alguns estudos voltam-se para questões mais abrangentes como a da tipologização dos processos de articulação ou do papel que eles desempenham na tessitura textual. Outros colocam a tônica em aspectos mais pontuais como a diversidade de realizações formais de uma mesma relação semântica ou os parâmetros que distinguem graus de vinculação entre orações de um período.

O objetivo deste artigo é refletir sobre a análise da articulação de orações sob um enfoque variacionista. A partir de uma breve revisão sobre a forma como vêm sendo conduzidos os trabalhos que adotam a perspectiva da Sociolinguística Quantitativa, procuramos repensar dois aspectos que nos parecem importantes: o primeiro concerne ao tratamento que os processos de articulação de orações vêm recebendo num enfoque sócio-variacionista, às questões focalizadas e à forma de alinhamento teórico-metodológica. O segundo aspecto se refere à aplicabilidade e aos limites de uma análise fundamentada em pressupostos da Teoria da Variação para a elucidação de fenômenos que incorporam de forma indiscutível o componente discursivo e pragmático e não possuem uma contraparte social nítida e relevante. Enfatizamos as contribuições que podem advir de um tratamento variacionista para a compreensão dos princípios que regem a organização dos períodos complexos e a validação de parâmetros que permitam estabelecer bases empíricas de um *continuum* de vinculação sintática e uma conseqüente tipologia de processos de articulação de orações.

2 A abordagem variacionista da articulação de orações

A abordagem de fenômenos ligados ao nível do período composto, tais como organização sintagmática, processos de expansão e de redução de orações, graus de vinculação entre as orações, a partir de um conjunto de pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista se inscreve em uma tendência mais ampla de extensão do modelo de análise variacionista a processos variáveis nos níveis morfológico e sintático e a fenômenos que se situam além do domínio oracional, abarcando unidades de análise mais amplas e mais complexas. Essa extensão, discutida e discutível, tem como uma das suas implicações mais imediatas a incorporação de aspectos funcionais, ligados à organização do discurso e à situação comunicativa, como condicionamentos relevantes para processos variáveis. No que tange a processos variáveis no nível morfossintático, a necessidade de remissão a princípios que regem a interação e organização textual já se fez relevante em diferentes estudos: Braga (1997), Mollica (1989), Paredes da Silva (1988), Votre e Naro (1989).

No que se refere especificamente ao estudo da articulação de orações, a incorporação da contraparte funcional das estruturas lingüísticas ganha em dimensão e complexidade, já que, nesse nível, se entrelaçam propriedades formais, semânticas e discursivas sem que se possa definir com clareza os limites de cada uma delas. Os períodos compostos constituem unidades complexas que, embora possuam uma certa independência, refletem esquemas de organização textual que se mesclam à estruturação dessas unidades e contribuem para a identificação dos parâmetros associados a diferentes formas de articulação de orações.

Os trabalhos que recorrem ao instrumental teórico-metodológico do modelo variacionista para a explanação de fenômenos relacionados à articulação de orações têm recortado como seu objeto de análise aspectos formais¹ ligados à estruturação de períodos compostos, tais como a organização sintagmática dos períodos, com ênfase na variabilidade posicional de orações hipotáticas em relação a seu núcleo, nas correlações entre formas de articulação de orações, ou relações proposicionais, gêneros de fala e modalidades lingüísticas (Decat, 1995; Ramos, 2000), nas relações entre orações reduzidas e expandidas (Braga, 1995; Finck, 2000; Azevedo, 2000) ou, ainda, no entrelaçamento entre as orações constituintes de um período, com o objetivo de precisar os parâmetros mais relevantes para a identificação do grau de vinculação sintática que caracteriza os diferentes processos de articulação. Neste artigo, nos concentramos principalmente nas questões ligadas à flexibilidade posicional de orações e ao grau de entrelaçamento entre elas, visto que a elas tem sido, mais freqüentemente, dispensado um tratamento variacionista.

Os estudos voltados para a flexibilidade de posição de orações hipotáticas, quer tomando-a como uma variável dependente, quer postulando-a como uma variável independente relevante para a caracterização de processos de articulação de cláusulas, trouxeram contribuição substancial para a compreensão das peculiaridades de um subconjunto das orações tradicionalmente denominadas orações adverbiais, que até então, haviam merecido pouca atenção por parte de outros modelos teóricos. Esses trabalhos permitiram demonstrar a atuação de princípios mais gerais como os de iconicidade e de distribuição de informação, assim como da organização tópica do discurso, sobre a flexibilidade de orações hipotáticas de causa, tempo, condição, finalidade, modalidade (cf. Gryner, 1990; Paiva, 1991, 1995; Braga, 1995; Souza, 1996; Gorsky, 2000; Amparo, 1997; Ferreira, 1997; Azevedo, 2000; Pereira, 1999) e elucidar algumas questões relativas ao binômio ordem marcada/não marcada de orações hipotáticas (Paiva, 1999).

Numa direção um pouco diferente, que estende alguns pressupostos teóricos do paradigma da gramaticalização, a análise da integração/vinculação sintática entre as orações tem merecido atenção especial pela contribuição que pode trazer para a discussão sobre a tipologia dos processos de articulação. O estudo de diferentes relações

¹ Nesse sentido, esses trabalhos se inscrevem de forma bastante clara no pressuposto variacionista de que o que deve ser explicado é a variação entre formas que, pressupostamente, alternam entre si.

semânticas (tempo, condição, causa, concessão) e de formas de articulação sintática diversificadas como a combinação e o encaixamento procura validar empiricamente o pressuposto de que os processos de articulação de cláusulas constituem um *continuum* de estreitamento sintático que resulta de uma conjugação de diferentes parâmetros. Nessa perspectiva, os trabalhos centrados na combinação de orações se voltam, então, para o exame de questões mais específicas como correlações modo-temporais entre núcleo e satélite (Campos, 1999; Rodrigues, 1999; Gryner, 1995), grau de vinculação entre uma oração hipotática e sua núcleo (Gryner, 1995; Martelotta, 1998; Neves e Braga, 1998; Zamproneo, 1998). Como essas questões englobam naturalmente o processo de subordinação, a metodologia variacionista é estendida para o tratamento de orações encaixadas, abrindo espaço para a abordagem das completivas de verbo (cf. Braga, 1999; Carvalho, 2000; Cesário, 2000), as subjetivas (Gonçalves, 2000), as predicativas (Rodrigues, 2000) e das relações entre orações reduzidas e expandidas (Braga, 1995, 1996; Finck, 2000; Azevedo, 2000).

Seja na abordagem da organização sintagmática dos períodos, seja na abordagem do grau de entrelaçamento entre orações, a análise variacionista não é um fim em si mesma. Constitui um instrumento, inquestionavelmente seguro, de verificar hipóteses ou medir o alcance de princípios propostos em paradigmas que não dissociam o estudo da forma e da função e que têm como ponto comum a anulação de dicotomias pouco transparentes como subordinação/coordenação, subordinação sintática/subordinação psicológica. O rigor da análise variacionista é o que permite, por exemplo, fazer aflorar a importância do meta-princípio de iconicidade, ou dos princípios de distribuição de informação, de marcação, de economia dentre outros que fazem referência aos processos cognitivos envolvidos na linguagem e à forma de organização do texto.

O ponto central da nossa reflexão é a extensão do alinhamento dos diferentes trabalhos que submetem questões ligadas à articulação de orações a um tratamento quantitativo com os pressupostos subjacentes ao modelo variacionista. Em um determinado conjunto de trabalhos, principalmente naqueles que focalizam a flexibilidade posicional de orações, de forma explícita ou implícita, verifica-se a incorporação de um dos conceitos centrais do modelo variacionista – o de regra variável. Em outros termos, o fenômeno em estudo é concebido, com algumas restrições e muitas ressalvas, como um processo de co-existência de alternantes em relação paradigmática. As possibilidades de posição da oração satélite são tomadas como uma variável dependente, cujas variantes se atualizam sob o efeito de fatores de ordem diversa.

Essa aplicação do modelo variacionista, que, na falta de termo melhor, denominarei de estricta, caracteriza principalmente trabalhos dedicados às relações proposicionais de tempo, causa, condição e finalidade. Nesses estudos, a concepção do objeto conforma-se a alguns dos pressupostos básicos da Teoria da Variação, tais como: a) o de que a variação que se verifica nas línguas humanas é sistemática e ordenada; b) as

hipóteses acerca das restrições que atuam sobre processos variáveis podem ser operacionalizadas em termos de grupos de fatores que permitem uma visão conjunta e mais abrangente dos diversos aspectos envolvidos no uso de uma variante lingüística; c) as motivações internas e externas podem se superpor, e mesmo conflitar, no controle da variação; d) a frequência dos dados e os pesos relativos diferenciados dos grupos de fatores são indicadores das tendências da língua.

Uma utilização menos estrita do modelo variacionista coexiste com a perspectiva acima delineada. Trata-se, no caso de uma operacionalização do tratamento dos dados, normalmente numerosos quando se trabalha com o uso da língua, através de métodos quantitativos disponíveis para o tratamento da variação, sem um alinhamento com o conceito de regra variável ou com a busca de direcionalidade do sistema. Essa restrição é explicitada, por exemplo, em NEVES e BRAGA (1999) que salientam em nota de rodapé:

O conceito de grupo de fatores remete à teoria da variação (Labov, 1969). Não estamos, porém, considerando orações de tempo e de condição como variantes de uma variável dependente. O que estamos fazendo é apenas utilizar alguns dos recursos oferecidos pela metodologia: basicamente, o uso de grupos de fatores, o que garante uma análise exaustiva e coerente de todos os dados à luz do mesmo elenco de categorias lingüísticas, e o uso de estatística para comprovar, ou não, as hipóteses.

Essa limitação de alinhamento com conceitos e pressupostos variacionistas aflora principalmente em trabalhos que focalizam graus de estreitamento sintático, diversidade de formas de realização de uma mesma realização semântica, relação entre processos de expansão/redução de orações ou naqueles que se propõem a verificar o alcance de critérios de vinculação entre orações.

Em muitos casos, dada a própria definição do objeto de estudo e as hipóteses norteadoras do trabalho, a interface com o modelo variacionista fica mais tênue, podendo mesmo se restringir a um recurso "que facilite o manuseio dos dados" e garanta "precisão e acerto". Dos pressupostos relacionados acima, parece-me que, nesse caso, apenas dois são preservados nessa utilização menos estrita da Teoria da Variação: a) o da importância da frequência como meio de verificar a distribuição dos dados e de assegurar interpretações e inferências acerca das relações entre as formas; b) a operacionalização de hipóteses e de um grande número de parâmetros analíticos em termos de grupos de fatores.

Essas duas versões de tratamento variacionista das questões ligadas à articulação de cláusulas conduzem para os pontos 2 e 3 mencionados na introdução deste artigo: o problema da adequação e dos limites de aplicabilidade do modelo variacionista à análise de fenômenos concernentes à articulação de cláusulas e às contribuições que podem advir desse tipo de abordagem.

3 Adequação e limites de aplicação do modelo

A adequação de um tratamento variacionista das questões ligadas à articulação de cláusulas coloca duas questões cruciais:

- a) Justifica-se ou faz-se necessária a utilização de uma metodologia quantitativa para o tratamento da articulação de cláusulas?
- b) Que tipo de contribuição/resposta pode ser fornecida por essa metodologia que não seria alcançada por outras vias de análise?

Parece não haver dúvida de que a aplicação de princípios e/ou métodos da Sociolingüística Variacionista à análise dos processos de articulação de orações passa necessariamente pelo enfraquecimento ou pelo abandono do conceito de regra variável. Dada a própria natureza do objeto, não se pode falar adequadamente na existência de alternantes em relação paradigmática. Difícil afirmar, por exemplo, que as diferentes estruturas sintáticas e os diferentes conectores disponíveis para a expressão do elo de causalidade constituam um conjunto de alternantes equivalentes. Para um caso como esse, só se pode aplicar o que denominei de utilização não estrita da metodologia variacionista. E que tipo de contribuição ou de compreensão sobre o fenômeno de articulação de cláusulas, essa abordagem pode fornecer?

Podemos assumir, como ponto de partida, e a maioria dos trabalhos já realizados vem reforçando, que a operacionalização de hipóteses em termos de grupos de fatores garante uma visão mais integrada e coerente de propriedades e/ou características que se correlacionam, por exemplo, às diversas formas de expressão de uma relação semântica. A identificação dessas correlações, por sua vez, requer uma análise que considere todas as formas sob o prisma das mesmas categorias de análise, abrindo, assim, uma via eficaz para verificar a intercambialidade ou distribuição complementar entre diferentes formas de estruturação de uma relação proposicional e as diversas conexões que se podem estabelecer entre distintos processos. Tentarei ilustrar esse ponto através de um exemplo concreto que, viciadamente, fui buscar nas formas de expressão do elo de causalidade.

Uma análise do discurso oral revela a multiplicidade de formas de vinculação sintática às quais o falante pode recorrer para a expressão do nexo causal (justaposição, cláusulas ligadas pelos conectores *aí, então, por isso, porque, que, como, já que, visto que, formas nominais de gerúndio* e de *particípio* e *sintagmas preposicionais*).²

Apenas para efeitos de ilustração, concentremo-nos nas formas conectadas por *porque, que, já que* e *como*, exemplificadas abaixo:

porque

- (1) - Gostei daquele filme *porque* tem uma música muito bonita.

² A inclusão dessas diferentes estruturas num conjunto de formas de causalidade só é possível em função de uma definição mais ampla de relação causal, em que estão diluídas as fronteiras entre causa/explicação/justificativa.

que

(2)- Ontem também não vi (a novela das seis) *que* eu estava com visita.

já que

(3)- *Já que* eu vou fazer (medicina) acho que eu tenho que enfrentar desde agora, né, os problemas.

como

(4)- *Como* eu acredito também no destino, acho que, quando tem que ser, acontece.

Os períodos compostos com os conectores *porque* e *que*, por um lado, e pelos conectores *como* e *já que*, por outro, são fortes candidatos a constituírem alternantes entre si, ou em termos mais estritamente variacionistas, a serem variantes para a explicitação da relação proposicional de causalidade. Os quatro tipos de construção causal foram submetidos a uma análise em que foram examinadas algumas propriedades gramaticais (explicitude e identidade de sujeito entre as orações conectadas, tempo e modo verbal), semânticas (nível da relação de causalidade, tipo de verbo de cada uma das orações), discursivo-funcionais (estatuto informacional de cada uma das orações) e prosódicas (presença ou ausência de pausa entre as orações), a fim de determinar as propriedades em que essas formas intersectam e aquelas em que elas se distinguem, procurando, assim, depreender seus contextos de intercambialidade. Uma primeira interpretação possível dos resultados obtidos na análise estatística é o agrupamento, por um lado, das construções com *porque* e *que* e, por outro, das construções com *já que* e *como*, na forma esquematizada nas figuras 1 e 2.

Figura 1 – Pontos de conexão entre os conectores *porque* e *que*

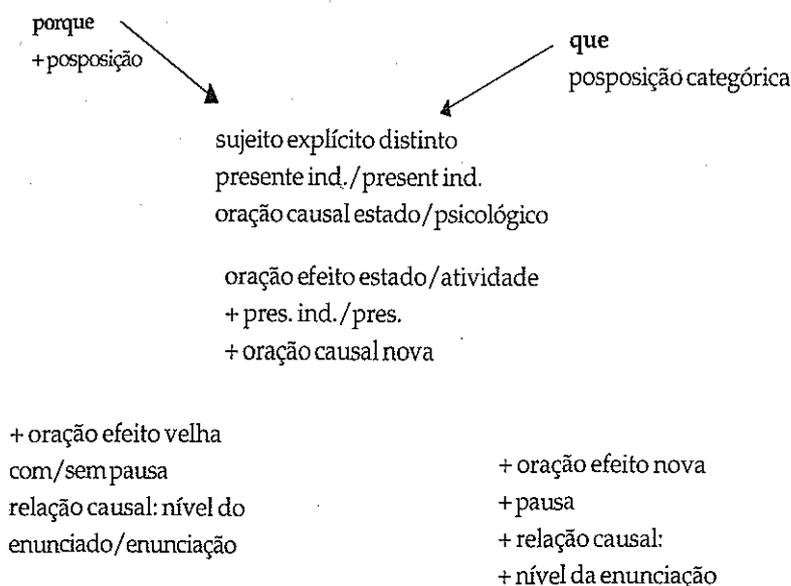
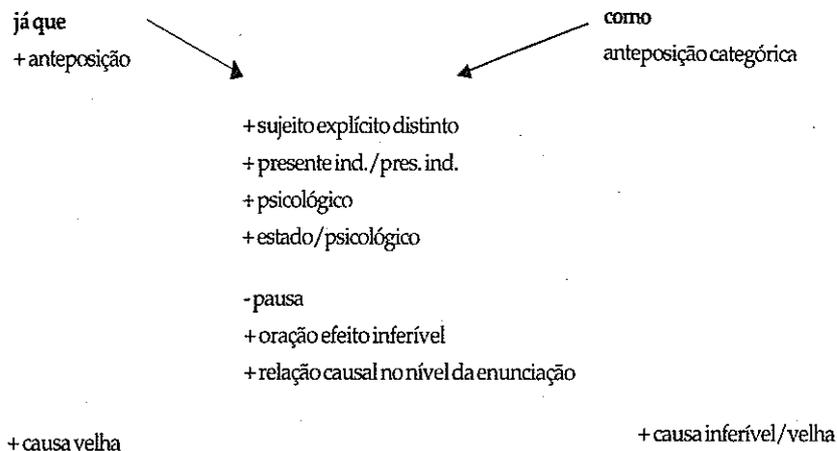


Figura 2 – Pontos de conexão entre *já que* e *como*

De acordo com as figuras acima, seria possível postular a instauração de dois pontos de variação no conjunto de conectores de causalidade: de um lado, entre os conectores *porque* e *que* e, por outro, entre os conectores *já que* e *como*, visto que cada um desses pares apresenta interseções em um conjunto relevante de propriedades gramaticais, semânticas e discursivo-pragmáticas. Essa interseção é, no entanto, relativa, pois cada um dos membros de cada par resguarda sua própria individualidade, com características que lhe são peculiares, limitando as possibilidades de intercambialidade entre eles. Assim, por exemplo, embora os conectores *que* e *porque* sejam inter-substituíveis em muitos contextos, como mostram os exemplos abaixo:

(5) A Sara também eu conto pra ela, mas não muito assim, *porque ela não conhece ninguém daqui.*

(5a) A Sara também eu conto pra ela, mas não muito assim, *que ela não conhece ninguém aqui.*

(6) Tá se arrependendo *que ele se tivesse estudado pra oficial, hoje ele seria major, tá entendendo?*

(6a) Tá se arrependendo *porque se ele se tivesse estudado pra oficial, hoje ele seria major, tá entendendo?*

em alguns outros, a utilização de um ou outro é imposta por necessidades comunicativas que restringem a variação, situação ilustrada em (7), onde a ocorrência de *porque* parece ser favorecida pelo fato de que a ocorrência do conector *que* pode produzir ambigüidades quanto à natureza sintático-semântica da oração por ele introduzida.

(7) Aí me- me inventaram uma fofoca *que eu estava agarrando o garoto, vê se pode.*

Aí a garota ficou com raiva de mim, *porque gostava dele lá.*

Para o par *já que* e *como* é possível definir maior número de pontos de interseção o que, pelo menos em princípio, autorizaria maior intercambialidade entre eles, como ilustrado por (8) e (9):

(8) Como está chovendo, não vou sair.

(9) Já que está chovendo, não vou sair.

O importante a ressaltar dessa breve comparação entre as quatro formas de causalidade é a maior limitação de intercambialidade entre o par *porque/que* em relação ao par *já que/como*. As duas duplas se distinguem nitidamente na forma como realizam o elo de causalidade. A dupla *já que/como* permite configurar uma estrutura retórica do tipo argumento-conclusão (em que a oração hipotática funciona como uma premissa) que a distingue nitidamente das construções com o conector *porque*. Nessa última se estabelece, mais freqüentemente, uma configuração informacional do tipo velho-novo que se desfaz no caso de substituição desses conectores por um dos membros do outro par. Numa perspectiva um pouco diferente, poderíamos dizer que *porque/que*, por um lado e *já que/como*, por outro, se inter-complementam, na medida em que as orações causais introduzidas pelo primeiro par são de natureza remática, enquanto que as orações introduzidas pelo segundo par são de natureza temática (cf. Neves, 1999).

Os limites de variabilidade entre esses diversos conectores só aparecem, no entanto, em uma análise conjugada que permite identificar os contextos de predominância de cada uma das formas, os pontos em que elas confluem e os pontos em que se excluem. Observemos, inclusive, que não há bidirecionalidade entre os conectores *que* e *porque*, quando se considera o nível em que se estabelece a relação causal. Embora, praticamente todas as ocorrências do conector *que* admitam ser substituídas por *porque*, o contrário não é verdadeiro, pois o segundo conector possui maior amplitude de contextos do que o primeiro. Para essa análise, os métodos quantitativos da análise variacionista constituem um instrumental eficaz, ainda que, dada a natureza do fenômeno envolvido, não esteja em jogo um pressuposto apriorístico de existência de formas alternantes.

A abordagem conjunta de duas ou mais formas sob o prisma dos mesmos grupos de fatores e a atribuição de importância à distribuição dos dados constitui uma via produtiva também para a testagem de hipóteses conflitantes acerca de um fenômeno, ou para demonstrar a co-ocorrência de motivações competidoras sobre processos de articulação de orações. A título de ilustração, tomemos o estudo de BRAGA (1995, 1996), em que a autora examina as motivações subjacentes a orações de gerúndio como as exemplificadas abaixo:

(10) Agora é engraçado que *você saindo do Brasil*.

A gente sente uma falta muito grande dessa parte de verduras.

(11) Tinha-se esperança que dona Ana Cândida tendo assu-

mido a Procuradoria Geral do Estado, *em ela sendo mulher*, que ela defendesse um pouco mais a classe.

Adotando um procedimento variacionista, o trabalho examina as orações gerundivas, estruturas inerentemente ambíguas quanto ao seu estatuto sintático, à luz de diversos critérios (mobilidade posicional, explicitude e identidade de sujeito) que lhe permitem verificar se essas estruturas estão mais próximas das suas contrapartes desenvolvidas subordinadas ou coordenadas. Aplicando o mesmo conjunto de parâmetros às três estruturas examinadas, a autora depreende que, a depender do critério considerado, as orações de gerúndio ora se aproximam da sua contraparte subordinada, ora "constituem um tipo de construção particular que não pode ser assimilado à contrapartida subordinada desenvolvida nem às orações coordenadas capazes de codificar o mesmo tipo de proposição relacional." (BRAGA, 1995, p. 94). Dessa forma, a análise quantitativa permite confirmar a hipótese de Haiman (1985) de que as orações reduzidas de gerúndio resultam da confluência entre motivações conflitantes: a motivação icônica, entendida em termos de subordinação conceitual e a motivação econômica, que leva à redução e à incorporação.

Evidentemente, os exemplos utilizados nesta reflexão são apenas ilustrativos e estão longe de esgotar a diversidade de questões ligadas à articulação de orações que podem ser apreendidas pela aplicação do modelo teórico-metodológico variacionista. Eles procuram apenas trazer à cena algumas contribuições que podem advir de um tratamento variacionista de fenômenos desse nível. Assim, a pergunta colocada no início dessa seção, relativa à justificativa desse tipo de abordagem encontra uma resposta afirmativa. Esse tratamento permite identificar o seguinte conjunto de fatores: as propriedades mais estreitamente correlacionadas a uma ou outra forma de articulação de cláusulas: os padrões de distribuição de diferentes formas; a apreensão da forma como a estrutura do texto e as exigências comunicativas e cognitivas restringem formas linguísticas específicas; a identificação das relações sistemáticas de uma forma de articulação de cláusulas com outras disponíveis no sistema e o exame de motivações conflitantes.

Entretanto, a extensão de uma metodologia quantitativa a fenômenos de articulação de cláusulas está sujeita a limites que decorrem não apenas do recorte do objeto de estudo como também do seu alcance para elucidar o grau de imbricação entre as contrapartes sintática, semântica e discursiva de fenômenos dessa natureza. Dois pontos merecem maior atenção: a limitação do modelo para o tratamento dos casos dissonantes das tendências regulares e, como corolário, a questão do grau de apreensão das motivações discursivas e pragmáticas envolvidas no uso de diferentes formas de articulação de orações.

A busca pelos padrões regulares e pelas tendências mais gerais, objetivo maior do modelo variacionista, pode desviar a atenção dos casos particulares, daqueles que não se ajustam às predições autorizadas

pela análise quantitativa. Essa limitação, importante em estudos que se propõem a determinar a função/contexto de uma forma lingüística, pode ser, no entanto, contornada numa análise que toma os índices quantitativos como pistas que devem ser interpretadas pelo recurso a dimensões de análise que não se deixam traduzir em grupos de fatores, no seu sentido mais estrito. Os casos particulares encontram guarida, portanto, numa análise mais local, e muitas vezes mais pontual, que terá de considerar necessariamente a contextualização mais estrita das formas e as motivações subjacentes a esses casos.

Embora os procedimentos variacionistas permitam definir e enumerar com precisão a maioria dos contextos estruturais, semânticos e mesmo discursivo-funcionais que estão correlacionados a uma forma lingüística, não está excluída a possibilidade de que uma dada estrutura constitua uma estratégia específica para a realização de um objetivo comunicativo particular, não se deixando apreender numa análise mais globalizante, que considere todas as formas sob o prisma dos mesmos critérios/grupos de fatores. Se as nuances discursivas ou pragmáticas associadas a uma certa forma de articulação de orações podem passar despercebidas a uma análise baseada em uma perspectiva variacionista, uma conjugação entre as indicações fornecidas por uma análise quantitativa e por uma análise qualitativa que identifique o valor específico de uma forma constitui uma via eficiente para uma interpretação mais ampla dos vários aspectos ligados à articulação de orações.

3 Conclusão

Ao longo deste artigo procuramos fazer uma reflexão sobre a adequação do modelo teórico-metodológico variacionista a aspectos ligados ao fenômeno de articulação de orações. Tomando como ponto de partida os aspectos que mais freqüentemente vêm sendo analisados sob essa perspectiva, ressaltamos a forma de alinhamento dos trabalhos já realizados com alguns pressupostos centrais do modelo. Procuramos, então, mostrar a pertinência do tratamento variacionista da articulação de cláusulas a partir de uma sucinta exemplificação das respostas que podem ser obtidas através da utilização dessa abordagem.

Ressaltamos que, além de permitir um tratamento conjunto e coerente de uma grande quantidade de dados, problema que se coloca para quem procura desvendar os princípios que atuam sobre o uso da língua, o modelo teórico-metodológico variacionista autoriza inferências válidas sobre as relações entre diferentes formas de estruturação de uma relação proposicional, revelando seus pontos de interseção e suas especificidades, além de permitir a verificação de motivações conflitantes sobre um mesmo fenômeno. Salientamos ainda que, dada a natureza complexa dos processos de articulação de orações, envolvendo nítida contraparte discursivo-funcional, a simples análise quantitativa não é suficiente para revelar todos os aspectos nele imbricados. Essa aparente limitação pode ser compensada, no entanto, pela conjugação de uma aná-

lise que busque depreender não apenas a distribuição das formas de acordo com parâmetros mais gerais, mas que se debruce também sobre as motivações discursivo-pragmáticas que criam contextos específicos para cada forma em análise.

Abstract

In this article I reflect on the application of the theoretical and methodological apparatus of Quantitative Sociolinguistics to the study of phenomena related to clause linkage. In the first place, I show how the quantitative approach has been used in the description of certain aspects such as the mobility of clauses linked by hypotaxis, types of clause articulation, relations between expanded and reduced clauses expressing the same relational proposition. Then, I show, on the basis of several works, the contribution that results from the application of such an approach to understand the different processes of clause linkage and to search for conflicting motivations on the same phenomenon. Finally, I discuss the limitations of the application of the model to deal with the subject.

Keywords: clause linkage; quantitative sociolinguistics; contributions.

Referências

AMPARO, Sônia Oliveira. *Enunciados modais: um processo de ficcionalidade em Clarice Lispector*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1997.

AZEVEDO, João Luiz Ferreira de. *A expressão de finalidade no português*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 2000.

BRAGA, Maria Luiza. As orações de tempo no discurso oral. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: UNICAMP, n. 28, p. 85-97, jan. / jun. 1985.

BRAGA, Maria Luiza. Discurso e abordagens quantitativas. *Alfa*, São Paulo: UNESP, n. 41, p. 41-56, 1997.

- BRAGA, Maria Luiza. Processos de redução: o caso das orações de gerúndio. In: KOCH, Ingedore Villaça. *Gramática do português falado VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 231-252
- BRAGA, Maria Luiza. *As orações encaixadas no dialeto carioca*. Tese apresentada para concurso de titular. Faculdade de Letras: UFRJ, 1999.
- CAMPOS, Odette G. L. Altmann de Souza. Correlações modo-temporal em orações causais. *Descrição do português: abordagens funcionalistas*. Araraquara: FCL-UNESP, 1999. p. 55-62
- CARVALHO, Cristina dos Santos. *Cláusulas encaixadas de verbos causativos e perceptivos: formas de expressão/correferencialidade de sujeitos*. Comunicação apresentada no Seminário Articulação de cláusulas: questões e perspectivas, Faculdade de Letras, UFRJ, 2000.
- CESÁRIO, Maria Maura. *Estágios de gramaticalização nos usos dos verbos querer, mandar e deixar*. Comunicação apresentada no Seminário Processos de articulação de cláusulas: questões e perspectivas. Faculdade de Letras, UFRJ, 2000.
- DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Relações adverbiais e gênero do discurso. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: UNICAMP, n. 28, p. 19-36, jan./jun. 1995.
- FERREIRA, Ana Beatriz Fernandes. *A variação posicional das orações condicionais: uma análise funcional discursiva*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: PUC-RJ, 1997.
- FINCK, Diomara. *Expansão e redução de cláusulas infinitivas na fala de Frlorianópolis*. Dissertação de Mestrado, Santa Catarina: UFSC, 2000.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos L. *Orações subjetivas e teoria dos protótipos*. Comunicação apresentada no Seminário Articulação de orações: questões e perspectivas. Faculdade de Letras, UFRJ, 2000.
- GORSKI, Edair. Motivações em competição na ordenação de orações temporais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre: PUC-RS, v. 35, n. 1, p. 97-120, 2000.
- GRYNER, Helena. Graus de vinculação nas cláusulas condicionais. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: UNICAMP, n. 28, P. 69-84, jan./jun. 1995.
- GRYNER, Helena. *A variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais do português*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.
- HAIMAN, John. *Natural syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- MARTELLOTA, Mário Eduardo. *Vinculação em cláusulas adverbiais: uma análise de cláusulas finais*. Comunicação apresentada no Seminário Articulação de cláusulas: questões e perspectivas, Faculdade de Letras, UFRJ, 2000.
- MOLLICA, Maria Cecília. *Queísmo e dequeísmo em português*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

NEVES, Maria Helena Moura & BRAGA, Maria Luiza. Hipotaxe e gramaticalização: uma análise das construções de tempo e condição. *D. E. L. T.A*, São Paulo, no. 14, p. 191-208, 1998.

NEVES, Maria Helena Moura. As construções causais. In: ____ (org) *Gramática do português falado, v. VII: Novos estudos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999.

PAIVA, Maria da Conceição de. *Ordenação de cláusulas causais: forma e função*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.

PAIVA, Maria da Conceição de. A ordem não marcada das cláusulas porque. *Descrição do português: abordagens funcionalistas*. Araraquara: FCL-UNESP, 1999. p. 263-280.

PAIVA, Maria da Conceição de. Cláusulas causais: iconicidade e funcionalidade. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, Campinas: UNICAMP, n. 28, p. 59-68, jan./jun.1995.

PAREDES DA SILVA, Vera Lúcia. *Cartas cariocas: a variação do pronome na escrita informal*. Tese de doutorado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1988.

PEREIRA, Marli H. *Ordenação das orações temporais no discurso escrito*. Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

RAMOS, Jaqueline Varela Brasil. *Orações de causa e tempo no discurso oral e escrito*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Letras: UFRJ, 2000.

RODRIGUES, Angélica T. Carmo *A prototipicidade das orações predicativas*. Comunicação apresentada no Seminário Articulação de cláusulas: questões e perspectivas. Faculdade de Letras: UFRJ, 2000.

RODRIGUES, Angela C. Souza. Correlação modo-temporal nas construções complexas do português culto falado no Brasil: concessivas. *Descrição do português: abordagens funcionalistas*. Araraquara: FCL-UNESP, 1999. p. 11-36.

SOUZA, Maria Suely Crocci de. *A hipotaxe adverbial: uma abordagem funcionalista*. Tese de doutorado, São Paulo: UNESP / Araraquara, 1996.

VOTRE, Sebastião J. & NARO, Anthony Julius. Mecanismos funcionais do uso da língua. *D.E.L.T.A*, v. 5, n. 2, p. 169-184, 1989.

ZAMPRONEO, Silvana. *A hipotaxe adverbial concessiva no português escrito contemporâneo do Brasil*. Dissertação de Mestrado, Araraquara: UNESP, 1998.